



ALEXANDRE LIMA

E agora, José? ▶ Apenas dez anos depois de dar início à carreira cinematográfica com a produção do documentário *Os carvoeiros*, **José Padilha** dirigiu nada menos que o filme brasileiro de maior público desde que começa em 1970 a aferição confiável de bilheteria no país. Com o impressionante fenômeno popular dos dois *Tropa de elite* há uma tendência de se classificar Padilha como um diretor voltado para produções de caráter meramente mercadológico. Mas um olhar isento de preconceitos leva à conclusão de que *Tropa de elite*, laureado com o Urso de Ouro em Berlim, e, sobretudo, *Tropa de elite 2* contam com muito mais do que cenas de ação executadas com perfeição. Citando apenas uma das qualidades dos filmes, a construção de um personagem-marco do cinema nacional, ao mesmo tempo extremamente realista e dotado de simbolismo de um quase super-herói tupiniquim, o Capitão Nascimento, remete a um realizador no mínimo esmerado na dramaturgia. E ainda há o Padilha documentarista, de *Garapa* e *Segredos da tribo*, produções de menor orçamento para o nicho de festivais, e de *Ônibus 174*, doc-sensação com entrada no circuito comercial, para não falar de *RoboCop*.

Que tipo de diretor é José Padilha?

Eu faço os filmes que sinto vontade de fazer, e penso a direção de cada projeto nos seus próprios termos. A questão é: dada a vontade de se fazer um determinado filme, qual a melhor maneira, o melhor formato, para executá-lo? Se acho que o melhor formato para o filme é um projeto grande com cenas de ação e coisas do gênero, faço o filme assim. Se acho que o filme pede câmera na mão, preto e branco e som em mono, faço isto. Onde o filme vai passar, em que festival vai entrar, e qual o público que vai interessar são problemas que usualmente deixo para depois.

Por que mais de 11 milhões de pessoas pagaram ingresso para ver *Tropa de elite 2*?

Acho que o sucesso de público no caso dos dois *Tropa de elite* deriva da junção do cinema com a realidade. O cinema, por si só, já é capaz de suscitar fortes emoções. Quando um filme tem uma boa dramaturgia e é bem realizado, ele gera empatia entre o público e os seus personagens, mesmo se estes personagens forem totalmente fictícios. No caso dos dois *Tropa de elite*, as emoções do cinema se juntaram às emoções

que os problemas reais na área da segurança pública criam na sociedade. Conseguimos montar filmes em que a história dos personagens se sobrepôs à realidade que eles representam. Isto gerou grande interesse popular pelos filmes e pelos seus personagens. No que tange à estética e à qualidade, acho que os dois *Tropa* romperam com a antiga tendência do cinema brasileiro de taxar de “filme hollywoodiano” os filmes locais que utilizam efeitos especiais, efeitos sonoros e grandes cenas de ação em sua narrativa. Podemos importar estes aspectos técnicos do cinema americano, e mesmo assim fazer filmes tipicamente brasileiros.

Como vocês atingiram este grau de maestria nas cenas de tiroteio e combate?

As cenas de ação, em qualquer filme, resultam da coordenação dos departamentos de efeitos especiais de cena e de *stunts* com a direção e a fotografia. Temos grandes diretores e fotógrafos no cinema brasileiro, mas não temos tradição em efeitos especiais de cena e em *stunts*. Por isso, importamos profissionais destes dois departamentos. Trouxemos técnicos com tradição no mercado americano, gente que fez *Homem de ferro*, *Falcão negro em perigo* e *Guerra nas estrelas*. A junção entre estas pessoas e o jeito brasileiro que eu e Lula temos de filmar deu origem à estética das cenas de ação dos dois filmes.

Acho que as cenas de ação vão entrar no cinema brasileiro para ficar, mas acho também que as faremos do nosso jeito, sem copiar o cinema dos outros. Afinal, por que deveríamos limitar a priori o uso de qualquer recurso técnico disponível no cinema, sobretudo se o nosso público se interessa por eles?



Tropa de elite 2 e Garapa

Como vocês conceberam o personagem do Capitão Nascimento?

Criei o personagem junto com o Rodrigo Pimentel, o Bráulio e o Wagner Moura. Ele surgiu de muita pesquisa, da experiência de vida do Pimentel, de algum talento por parte dos roteiristas, e de um grande trabalho do Wagner.

Qual é a sua relação prévia com este (sub)mundo do crime e da polícia?

Vi filmes importantes sobre o submundo carioca, como *Lúcio Flávio* e *Notícias de uma guerra particular*, mas o meu real contato com o universo da violência carioca começou com a pesquisa que fiz para o *Ônibus 174*, evento que não apenas caiu de paraquedas na minha vida, como caiu de paraquedas na vida da cidade. O evento do *Ônibus 174* foi um marco para o debate da segurança pública no Brasil, porque incluiu em seu enredo quase todos os agentes envolvidos nos problemas da segurança pública brasileira. Do menino de rua até o governador do estado. Foi um marco também na minha carreira no cinema. Me apaixonei pela história e por seu significado, e isto me levou a fazer três filmes sobre o problema da segurança pública.

RoboCop?

Tento fazer os filmes que gosto, seja no cinema brasileiro ou no cinemão de Hollywood. Resolvi desenvolver *RoboCop*, porque gosto do primeiro filme da série e porque idealizo um filme que me permita abordar assuntos que considero interessantes de um ponto de vista filosófico, no caso o problema mente-corpo. Por isso embarquei no projeto com entusiasmo.

Da esquerda para a direita, *Cidade de Deus*, *Clube da lula* e *2001*



Faróis

Os dez filmes que mais influenciaram a concepção de cinema de José Padilha.

1. ***Gimme me Shelter***, de Albert Maysles e David Maysles
Foi o primeiro filme do Albert Maysles que eu vi. Por causa do filme eu o procurei. E ele me ajudou bastante com conselhos e com a distribuição de *Ônibus 174*.
2. ***Um dia em setembro***, de Kevin Macdonald
Vi em Sundance e fiquei com vontade de fazer *Ônibus 174*.
3. ***Minha vida de cachorro***, de Lasse Hallström
Um filme de grande sensibilidade. Me fez amar mais o cinema.
4. ***Clube da lula***, de David Fincher
Um filme de grande risco e muito bem realizado.
5. ***2001, uma odisseia no espaço***, de Stanley Kubrick
A prova de que o cinema pode discutir ideias sofisticadas.
6. ***Apocalypse now***, de Francis Ford Coppola
O maior filme independente de todos os tempos.
7. ***Os bons companheiros***, de Martin Scorsese
Me ajudou a pensar a narrativa dos dois *Tropa de elite*.
8. ***Cidade de Deus***, de Fernando Meirelles
Me colocou em contato com Bráulio Mantovani e Daniel Rezende.
9. ***Terra estrangeira***, de Walter Salles
O primeiro filme da retomada que realmente amei.
10. ***Forrest Gump***, de Robert Zemeckis
Um filme que parece simples, mas que resulta de um roteiro complexo e difícil.